



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Uma imagem fala mais que mil palavras?
O trabalho com o livro de imagem em sala de aula.**

Rossane Arantes Merat

**Rio de Janeiro
Fevereiro de 2017**



Uma imagem fala mais que mil palavras?

O trabalho com o livro de imagem em sala de aula.

Rossane Arantes Merat

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação, localizada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline Monteiro Veríssimo

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2017

MERAT, Rossane Arantes

Uma Imagem Fala Mais Que Mil Palavras? O Trabalho Com o Livro de Imagem Em Sala De Aula./ Rossane Arantes Merat – Rio de Janeiro, 2017. 42 f.

Orientadora: Aline Monteiro Veríssimo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Faculdade de Educação. 2017.

Contém referências. 1. Literatura infantil. 2. Livro ilustrado. 3. Imagem I. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.



Uma imagem fala mais que mil palavras?

O trabalho com o livro de imagem em sala de aula.

Rossane Arantes Merat

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação, localizada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Aline Monteiro Veríssimo (Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Profª Drª Ângela Medeiros Santi
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Profº Drº Reuber Gerbassi Scofano
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, especialmente a meus pais e minhas irmãs por me incentivarem a prosseguir nesta caminhada e não me deixarem desistir, me apoiando emocionalmente, financeiramente e de todas as formas possíveis para obtenção desta conquista.

A todos os professores da Faculdade de Educação da UFRJ pelo conhecimento compartilhado, e especialmente as professoras Aline Veríssimo e Ângela Santi, por terem me recebido em seu grupo de pesquisa (ITEC) e por todos os saberes que puderam dividir comigo, e ampliação de meus conhecimentos. E duplamente agradecida à primeira por posteriormente vir a ser minha orientadora e me ajudar nesta jornada final.

As minhas amigas de curso Ana Angélica Ferreira, Aurelia Navarro, Bruna Fernandes, Carolina Cristina, Juliana Mendonça, Letícia Olímpio, Renata Lopes e Zelma Candido agradeço toda atenção e paciência que tiveram comigo, pelos momentos divertidos e pelos de nervosismo, e o estímulo para não desistir em nenhum momento.

A todos que de alguma forma me apoiaram, muito obrigada.

As imagens, cujo alcance é sem dúvida universal, não exigem menos do ato da leitura. (...) Ora assim como o texto, a imagem requer atenção, conhecimentos de seus respectivos códigos e uma verdadeira interpretação. (LINDEN, 2010, p.8)

RESUMO

MERAT, Rossane Arantes: Uma Imagem Fala Mais Que Mil Palavras? O Trabalho Com O Livro De Imagem Na Sala De Aula. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

Este presente trabalho tem por objetivo problematizar o uso dos livros de imagem nas escolas, e aprofundar a importância deste para a formação do aluno levando em conta que vivemos numa sociedade imagética. Partindo do uso de uma pesquisa bibliográfica o trabalho, foi realizado com base em livros e artigos ligados ao âmbito da literatura e das questões visuais. Este se encontra dividido em cinco partes: a introdução apresenta os objetivos, justificativa, metodologia utilizada para o problema e como ocorrerá a coleta de dados; na segunda será a pesquisa bibliográfica com enfoque na história e evolução dos livros ilustrados, distinção entre livro ilustrado e livro de imagens; no terceiro capítulo nos deparamos com a questão da imagem na sociedade e suas influências, no capítulo seguinte são apresentados alguns títulos literários que podem ser levados para o trabalho sala de aula, e por fim são feitas as observações e conclusões obtidas a partir da pesquisa.

Palavras-chaves: Literatura infantil, livro ilustrado, imagem

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração de Gustave Doré para Cinderela.....	15
Figura 2 - Ilustração de Gustave Doré para Tom Thumb	15
Figura 3 - Produções cinematográficas baseadas em séries literárias	17
Figura 4 - Exemplos de tipos de livros	22
Figura 5 - Livro: O Barco dos Sonhos, de Rogério Coelho.....	23
Figura 6 - A tríade de Pierce	26
Figura 7 - “Outra Vez”, de Ângela Lago	34
Figura 8 - “Cena De Rua”, de Ângela Lago	34
Figura 9 - “Outra Vez”, Ângela Lago (páginas 14 e 15)	35
Figura 10 - “Outra Vez”, Ângela Lago (páginas 22 e 23)	36
Figura 11 - “Cena de Rua”, Ângela Lago (páginas 10 e 11)	37
Figura 12 - “Cena de Rua”, Ângela Lago (páginas 14 e 15)	38

Sumário

Introdução	10
Capítulo I: O que é Literatura?	13
1.1 Breve histórico da Literatura Infantil	15
1.2 Literatura Infantil e Escola	19
1.3 O Livro Ilustrado	20
Capítulo II: Características e importância da imagem hoje	25
Capítulo III: Importância da Leitura de Imagens na Educação Infantil	30
Capítulo IV: Sugestão de livros	34
Considerações Finais	39
Referências	41

Introdução

Considerando que vivemos numa sociedade imagética onde somos bombardeados por imagens a todo instante e em distintos lugares, e a partir de minhas experiências na faculdade, me questionei como este fator poderia influenciar ou ajudar no ambiente educacional. Deste modo, este trabalho tem por objetivo dissertar acerca dos livros de imagem na literatura infantil.

Durante o período de minha formação dentro da Faculdade de Educação da UFRJ, tive a oportunidade de cruzar com questionamentos voltados para a área dos livros infantis em raros momentos, como em eletivas, palestras, e nas rodas de leitura na sala “Felicidade Clandestina” localizada na Faculdade de Educação da UFRJ. Considerado meu interesse pelo tema, esses encontros aconteciam em disciplinas não obrigatórias, e mesmo ali, pouco era dito e observado sobre os livros de imagem para crianças ou adultos. Desta forma, avalio que esta seria uma problemática relevante no meio acadêmico, necessitando ter um espaço e tratamento privilegiado para poder difundi-lo melhor.

Tomando como base minha vivência, sempre fui interessada em livros e artes de formas gerais, fiz meu percurso pela faculdade, participei como voluntária do Laboratório de Educação, Cinema e AudioVisual - LECAV, e posteriormente, como bolsista, do grupo de extensão Imagem e Texto na Educação Contemporânea – ITEC, ambos ligados ao Laboratório do Imaginário Social e Educação – LISE, que segue duas linhas de pesquisa: Imaginário, cultura e educação e Imaginário e subjetividade. Essas duas atividades me proporcionaram um estudo voltado para as questões imagéticas inseridas na atualidade, e de como esse fenômeno vem se expandindo. Além da participação nestes grupos, cursei a disciplina eletiva Literatura Infantil, que me fez questionar sobre o uso dos livros nas classes de ensino infantil entre outros aspectos. Em meio a tudo isso, ainda houve o aumento do interesse pelo assunto devido minhas tardes com minha irmã - atualmente com 7 anos, em que pude acompanhá-la em suas “leituras” de livros de imagem.

Como futura pedagoga, compreendo que seja necessário este tipo de pesquisa por se tratar de algo que estaremos vendo na nossa prática na sala de aula, e que, apesar deste fato, não é tão explorado durante a nossa formação do professor. Assim, levando em conta que esse tipo de estudo é essencial para poder desenvolvermos cidadãos conscientes e atentos para as imagens que lhe cercam, esse trabalho pretende contribuir para que outros estudos sobre o livro de imagem aconteçam no futuro.

Dessa forma, compreendo que esta pesquisa é bastante pertinente para a educação e pesquisas na área. Assim sendo, o trabalho com o livro de imagem nas classes de educação infantil é rico para a disseminação de diferentes saberes a partir do momento que a criança poderá construir ideias e realizar trocas de saberes com seus novos conhecimentos imagéticos.

A finalidade principal desta pesquisa embrionária é sistematizar informações para que mais pesquisadores se interessem pelo assunto, se sensibilizem com esse tema e fomentem mais discussões sobre o uso dos livros de imagem na educação infantil. Nesse processo, pretendo evidenciar a contribuição do uso do livro de imagem; elucidar questões do mesmo e analisar como este é importante na formação do aluno.

Para a realização desta monografia foi realizada uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre literatura infantil, a importância da imagem na cultura hoje e na escola e sobre o livro de imagem. Para a realização da pesquisa bibliográfica contei com autores como Coelho, Cademartori, Zilberman e Lajolo que tratam das questões ligadas à literatura infantil, Hunt que nos fala sobre a não linearidade nos livros ilustrados e Linden que nos descreve e classifica o que seria o livro de imagem. Os avalio como importantes, uma vez que além de tratar da questão da literatura como um todo, também focam na questão imagética que transpassa os livros. Considero necessárias estas reflexões, que são ressaltadas por Coelho ao dizer que “*no momento caótico em que vivemos, a imagem já se tornou a ordem/desordem absoluta do mundo. Todos nós, crianças ou adultos, vivemos ‘comandados’ pela avalanche de imagens desordenadas, fragmentadas.*” (COELHO, 2000, p.197)

O trabalho em questão se encontrará dividido em quatro capítulos, no primeiro serão abordados elementos acerca da literatura, o segundo contemplará as questões sobre a imagem na atualidade e suas diferentes vertentes. No terceiro capítulo buscaremos apresentar a importância do livro de imagem para a educação infantil, e no quarto faremos sugestões de dois livros desse tipo que podem ser trabalhados. Por fim a conclusão apresentará os resultados desta pesquisa.

Capítulo I: O que é Literatura?

Pensar o livro de imagem e suas potencialidades na escola passa por fazermos um percurso pela presença dos livros e da literatura na escola, sobretudo, na educação infantil, onde o contato com a escolarização e a futura alfabetização dá seus primeiros passos. De certa forma, a presença de literatura infantil e de livros de história na escola tem em geral o compromisso e é defendida de par com uma boa alfabetização, ou seja, um competente domínio da comunicação pela leitura e a escrita. No entanto, sendo o livro de imagem, um livro sem texto ou onde o texto é secundário em relação à imagem, como este pode fazer parte e colaborar com a formação escolar? Qual sua importância nesse percurso e com que tipo de aprendizagens e desenvolvimentos ele pode contribuir? Tendo essas questões como norte, vamos, antes de pensar a posição do livro de imagem dentro do contexto dos livros infantis e da literatura infantil, investigar o que é a literatura e como ocorreu sua aproximação com a infância.

Se escolhermos pensar a literatura partindo da origem da palavra, vemos que ela é derivada da palavra latina *litteras*, que significa letra. (Cf. FERREIRA, 2014) Este fato, por si só, pode ser tomado como um indício de que a literatura está ligada a todas as produções de natureza verbal e/ou escrita. No entanto, Candido em seu texto *O direito à literatura* (1995) classifica de forma bem mais ampla a literatura como “*todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura.*” (p. 242).

Pensando por este aspecto cultural e mais amplo proposto pelo autor, podemos considerar que cada região tem suas histórias contadas de formas diferenciadas. Assim, caberia perguntar: isto ocorre apenas quando temos um texto escrito, ou também em histórias contadas por imagens? Uma mesma história será contada de diferente forma levando em conta as referências visuais de determinadas locais? Ainda seguindo Candido (1995), ele parte do conceito de Otto Rank sobre mito, mas o amplia, e classifica a literatura como “sonho acordado das civilizações”:

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 1995, p. 243)

Desta forma percebemos que a literatura, além de estar relacionada aos elementos da escrita, também se relaciona com a sociedade em que esta inserida, considerando suas singularidades, como o período histórico ou a regionalidade. Pensando por este aspecto devemos refletir sobre como, em uma cultura imagética como a que estamos vivendo, o livro de imagem pode ser incluído pelos jovens e pelo meio educacional como também fazendo parte de uma formação literária.

Candido (1995) inclui a literatura como um objeto que teria como princípio a humanização. E nos apresenta três vertentes de compreensão da literatura: a) construção de objetos autônomos como uma forma de conhecimento, consciente e inconsciente; b) como forma de expressão, manifesta emoções; c) forma de conhecimento, incorporação difusa e inconsciente. A primeira vertente se relaciona com a *maneira* pela qual a mensagem é construída, e segundo o autor seria o aspecto mais importante porque define se esta comunicação está sendo literária ou não. O segundo aspecto trata a literatura como uma forma de escape para os sentimentos, e o terceiro está relacionado à transmissão de conhecimentos que pode vir a resultar em um aprendizado.

Na mesma linha de Candido, Ferreira (2014) destaca os elementos extratextuais que compõem a literatura, de forma que “*é possível afirmar que a literatura é um gênero literário com influências históricas, sociais, emocionais, psicológicas, éticas, morais e metafísicas. Da mesma maneira, é possível afirmar que essas influências advêm tanto do autor quanto do leitor.*” (p.25). Diante do exposto podemos perceber que a literatura está ligada a uma produção cultural de reflexão e expressão humana, trazendo para nós a possibilidade de nos comunicarmos e deixar um registro de nossa existência, “*por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos*”. (CANDIDO, 1995, p. 243)

Antes de percorrermos em busca da literatura infantil, vale destacar que segundo o exposto pelos autores até aqui, nada impediria que produções imagéticas fossem consideradas literatura. Desde que atendesse as três vertentes apresentadas por Candido (1995) e tivessem as influências destacadas por Ferreira (2014), essas produções poderiam ser encaixadas no critério de literatura.

1.1 - Breve histórico da literatura infantil

Segundo Zilberman (2003), a literatura infantil surge juntamente com o conceito de infância e a reformulação do conceito de família no fim do século XVII e durante o século XVIII. Na visão da autora, esta mudança ocorre devido à necessidade da criação de um novo modelo de família, considerando que era inexistente uma preocupação com a criança como um indivíduo próprio. A partir do momento em que esta criança passa a ter papel na sociedade, começam a ser produzidos objetos industrializados e culturais voltados para ela. Este pensamento também pode ser visto em Cunha (1999):

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1999, p.22)

Zilberman (2003) do mesmo modo salienta que a criança, a partir dessas mudanças no século XVIII, passa a ser considerada um tipo de indivíduo que merece atenção especial, e que ela passa a ser o eixo em torno do qual a família deve se organizar de modo a ter cuidados para que os filhos cresçam saudáveis e com uma boa formação intelectual. Complementando esta idéia, Ferreira (2014, p.26 *apud* PAÇO, 2009) afirma que, “*com a formação de um conceito de infância uma das preocupações foi encontrar uma literatura adequada para a faixa etária.*” Assim, o surgimento de uma preocupação com a

infância é um dos fatores que impulsionam o surgimento de uma literatura infantil.

No que diz respeito à literatura infantil, as primeiras obras voltadas para este público apareceram na primeira metade do século XVIII, sendo que um século antes já haviam sido publicadas histórias que depois viriam a ser classificadas neste gênero, entre estas, as *Fábulas*, de La Fontaine, *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon e *Contos da Mamãe Gansa*, por Charles Perrault. Este último é considerado um dos precursores do gênero, que no século XVII, a partir de coletas de dados de lendas e contos regionais produziu uma coletânea de textos que ficaram conhecidos como contos de fadas. (Cademartori, 2010)

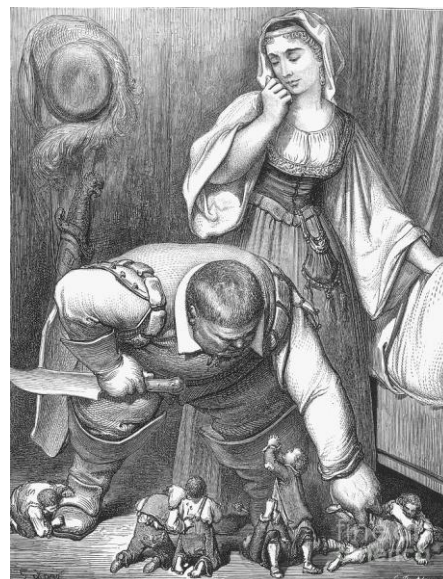


Figura 1 e 2 – Ilustrações de Gustave Doré para Cinderela ¹ e Tom Thumb ²

No século XIX, ocorreram novas criações de contos populares, como os irmãos Grimm na Alemanha (Rapunzel, Cinderela, João e Maria, entre outros). Outros autores foram surgindo e ampliando a atmosfera da literatura infantil, entre eles o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no País das

¹ Disponível em < http://volobuef.tripod.com/pictures-maerchen/GustaveDore_0021_HePerceivedThatHerLittleFootSlidInWithoutTrouble.jpg> Acessado em fevereiro de 2017

² Disponível em < <http://www.angelfire.com/nb/classillus/images/perrault/dragged.jpg>> Acessado em fevereiro de 2017

Maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz). (Cf. CADEMARTORI, 2010)

Ao fim do século XX, podemos perceber na literatura infantil e juvenil uma globalização do gênero, a partir de grandes autores como J.K Rowling (Harry Potter), Stephenie Meyer (Crepúsculo), Rick Riordan (Percy Jackson). Cademartori (2010) nos alerta sobre o fato de que após “*comprovada sua aceitação pelo público de um país fluente, [a obra] é logo distribuído para crianças dos demais países e rapidamente se torna sucesso global.*”. (Cademartori, 2010, p.15)

Cademartori (2010) classifica a literatura infantil como enquadrada em dois “sistemas”: o literário – no qual não recebe o devido prestígio, pois, segundo ela, a literatura infantil seria o “primo pobre da literatura”; e o educacional no qual recebe um lugar de maior destaque. Ainda segundo a autora, atualmente com a expansão das grandes mídias ocorre um aumento nas vendas dos livros, mas isso não quer dizer necessariamente um aumento na qualidade das histórias e na qualidade editorial. Apesar de se produzir mais e mais livros, muitas dessas histórias são baseadas em desenhos televisivos, filmes ou sequências literárias. Esse processo foi fortemente influenciado pela globalização e pelos interesses das grandes corporações do entretenimento, fazendo com que muitas vezes, a despeito da quantidade de vendas e de títulos lançados, acabe acontecendo uma desvalorização do texto e uma redução das possibilidades, da diversidade e da experimentação dentro do gênero.



Figura 3 – Algumas produções cinematográficas baseadas em séries literárias ³

Deste modo, percebemos que os livros em questão têm um forte diálogo com a indústria cultural e cinematográfica, o que nos remete às novas formas de recebimento deste livro por meio dos leitores, fazendo com que a experiência literária não seja mais restrita apenas ao texto, levando a novas possibilidades de produção para o leitor e o escritor.

Uma amostra de como essas duas indústrias estão interligadas, é a forma como a estréia de filmes baseados em livros impulsiona o mercado editorial. Nas semanas de estréia dos filmes "O Hobbit - A Desolação de Smaug" e "Divergente", a venda dos respectivos livros em que foram baseados, subiram em até 70%. Por sua vez, o livro "A Culpa é das estrelas", de John Green ficou no top 5 no ano de 2014, chegando a 30 mil exemplares na semana de estréia do filme.⁴ Um outro fenômeno que observamos é de que juntamente com o lançamento dos filmes, vem por parte das editoras um movimento em relançar o livro com a capa se utilizando de imagens do filme.

Como nos diz Sibília (2010), percebemos que a *“sociedade contemporânea está fascinada pelos sedutores feitiços das imagens (...) a cultura atual é fortemente marcada pelos meios de comunicação audiovisual”* (Sibília, 2010, p.63). Segundo a autora, nem mesmo os filmes que são produções audiovisuais por excelência são assistidos como antigamente, tendo como principal diferencial o fato de que não se assiste do começo ao fim sem interrupções, e que na verdade é cada vez mais difícil de realizar qualquer atividade sem qualquer interrupção, como uma consulta ao celular. Desta maneira, observamos que não só a imagem ganhou relevância na sociedade, além disso mesclou-se com as produções literárias e ainda se atrelou aos novos suportes tecnológicos, criando novas formas e modos de ver e ser vista.

Partindo deste fato, devemos pensar nas múltiplas possibilidades em relação à produção de literatura infantil na atualidade. É preciso um cuidado

³ Disponível em <<http://br.web.img3.acsta.net/medias/nmedia/18/99/25/02/20611747.jpg>>
Acessado em dezembro de 2016

⁴ Fonte: NielsenBookScan (Pesquisa realizada em agosto de 2014)

para que esta “fórmula pronta”, destacada por Cademartori, na criação de histórias não venha a se expandir de forma mais elevada da que já vem ocorrendo, e que haja uma abertura para outras formas de produção que venham a enriquecer o pensamento de nossos alunos e lhes transmita referências para que possam ter condição de fazer ligações entre elas, fazendo uso da imagem com caráter de intertexto. Capaz de melhor prepará-los para o cotidiano hipertextual e de múltiplos signos no qual eles estão inseridos. Desta forma, levar até os estudantes uma atividade em que a imagem estivesse envolvida e que eles tenham a possibilidade de manuseá-las, já seria um diferencial, pois lhes apresenta a chance de estar em contato com algo do seu cotidiano, porém de forma diferente, tendo a supervisão e direcionamento do por parte do educador.

Em relação às publicações nacionais, segundo Ceccantini (2010), a literatura infantil brasileira é muita nova, não contando com mais de 100 anos, o que faz com que o discurso teórico, historiográfico e crítico sobre ela, seja ainda mais recente. Segundo o autor, é apenas a partir da década de 80, com a expansão do mercado editorial ocorrida na década anterior, que começam a se realizar, pesquisar e produzir textos acerca deste assunto. Ele ainda chama atenção para o fato de que, apesar de a literatura ter tido avanços devido às inúmeras traduções, o mesmo não ocorreu com a produção teórica sobre o gênero, e cita como personagem importante no campo da discussão sobre literatura, o professor britânico Peter Hunt.

1.2 - Literatura Infantil e a Escola

Como já dito, o surgimento da infância coloca no seio das famílias a preocupação com a educação infantil. E no esteio desta preocupação se faz necessário outras formas para doutrinar e ensinar os conceitos de como se portar em sociedade. Eis que a escola é convocada para exercer este papel, tornando-se aos poucos uma instituição compulsória para as crianças. Vinculada à escola, a literatura infantil tem nela uma aliada ao seu crescimento e divulgação. Além disso, devemos levar em conta, a ampliação da

industrialização e do comércio nesse período histórico, que vem a influenciar na forma de distribuição e utilização deste livro.

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros, facultando a proliferação dos gêneros literários que, com ela, se adéquam a situação recente. (LAJOLO, 1995, p. 18)

Deste aspecto, podemos perceber que surge uma relação entre a literatura e a escola, partindo da ideia de que a literatura infantil trabalha sobre a linguagem escrita, e que para compreensão desta é necessário o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita das crianças, ou seja, pressupõe que estas tenham passado pela escola.

Essa relação faz com que por vezes a literatura adote uma postura por demais pedagógica, fazendo com que haja uma desconfiança de setores relacionados à teoria e a crítica literárias quando se trata da literatura infantil. Podemos observar ainda hoje que este preconceito permanece, Cademartori (2010) nos alerta sobre esta ocorrência e demonstra como comprovação rápida, o fato de que este gênero não se encontra em listas, indicações, ou sugestões de obras consideradas importantes ou representativas.

Outro fato que contribui para a complexificação da relação literatura infantil e escola, está no fato de, apesar de ser grande o número de livros infantis ou juvenis que vêm sendo comercializados, esta circulação ocorre fora do ambiente escolar, o que inicia um movimento de mudança de conceito, pois os jovens costumavam ver livros apenas nas escolas. Este fator nos remete a outro elemento, o de que agora a troca de ideias sobre estas histórias ocorre num ambiente “informal”, ficando por conta de meios de comunicação como a internet ou meios midiáticos.

Some-se ainda que, quanto ao uso do livro infantil em sala de aula, este livro é na maioria das vezes selecionado por um adulto, de modo que este revela a forma como o adulto espera que a criança veja o mundo. Neste aspecto, Cademartori (2010), Lajolo e Zilberman (2009) concordam sobre a influência e partilham da preocupação e da crítica sobre esta influência do

adulto na literatura infantil, não apenas nas escolhas dos livros, mas também na forma como este é produzido.

Dessa maneira, o escritor, invariavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva e/ou intelectual daquele. Em vista desse aspecto, a literatura para crianças pode ser escapista, dando vazão à representação de um ambiente perfeito e, por decorrência, distante. (LAJOLO&ZILBERMAN, 2009, p. 18)

No entanto, enquanto Cademartori (2010) nos alerta para o fato de que apesar de haver uma enorme ligação entre a literatura infantil e a escola, deve-se ter a devida percepção de que não cabe a este gênero o papel subsidiário da educação formal. Zilberman (2003) considera a sala de aula como espaço privilegiado no qual ocorre à ampliação pelo gosto da leitura, e como um campo importante para o intercâmbio de culturas. Nesse aspecto há de se ter a preocupação de saber diferenciar o uso destes materiais, não os restringindo às salas de aula, nem os deixando soltos como meros objetos de entretenimento, sendo preciso que seu uso seja mediado, ou seja, pensado em conjunto com o papel da escola na formação cultural e intelectual das crianças, podendo o livro ser um mediador nesse processo.

1.3 – O Livro Ilustrado

No clássico Alice no País das Maravilhas, publicado por Lewis Carrol em 1865, a personagem de Alice pergunta para sua irmã que lia um livro: *“É de que serve um livro sem figuras nem diálogos?”* A partir do questionamento de Alice e pensando de quando é datado o livro de Carrol, podemos perceber que os livros já continham imagens e representações há tempos, e que estas, de certo modo, entretém seus leitores. Apesar da imagem já estar inserida nos livros há tempos existem diversos tipos de classificações para os estilos de livros que possuem imagens.

Para que se possa iniciar um debate acerca do livro de imagem é necessário ter em mente que tipo de livro é este, e qual foco adotaremos na análise dos mesmos. Em seu livro Para Ler o Livro Ilustrado, a autora francesa

Sophie Van der Linden (2011) nos apresenta oito modalidades deste gênero: livro com ilustração, primeiras leituras, livros ilustrados, histórias em quadrinhos, livros pop-up, livros-brinquedo, livros interativos e imaginativos/imagiers.

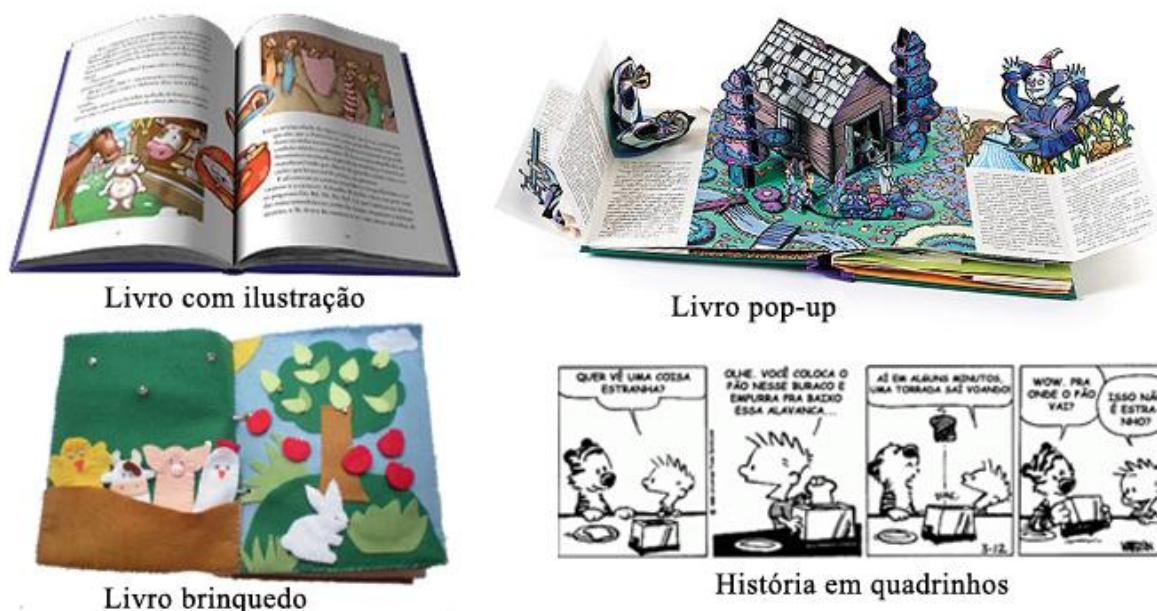


Figura 4 – Exemplos de tipos de livros

Para realização desta pesquisa, focaremos somente nos livros-ilustrados, ou como conhecido no Brasil, livro de imagem, de modo a não tornar o estudo amplo ou confuso em relação às outras classificações. No entanto, o que viria a ser o livro de imagem? É a obra onde as ilustrações ficam em primeiro plano, em relação ao texto, ou até mesmo quando não existe um texto, caso este que será observado por nós. De maneira que devemos considerar que os “(...) livros de imagem são livros sem texto. As imagens é que contam a história” (CAMARGO, 1995, p. 70). Deve-se levar em conta que apesar de terem nomes semelhantes, há uma diferença entre os livros com ilustrações e livro-ilustrado.

Livros com ilustração: obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações. O texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.

Livros ilustrados: obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar

ausente (é então chamado no Brasil, de livro-imagem). A narrativa se faz de maneira articulada entre textos e imagens. (Linden, 2011, p. 24)

Segundo Hunt (2010), um dos aspectos fascinantes no trabalho com o livro de imagem é a não linearidade da história, pois a partir do momento em que não há um texto para que você possa acompanhar ou ser “guiado”, passa-se a observar de outra forma esta obra, pois estes livros “*não são limitados por sequência linear, mas podem orquestrar o movimento dos olhos*”. (HUNT, 2010, p.234). De modo que esse tipo de livro funciona como um intertexto, onde as imagens se conectam dando significado a história.



Figura 5 – Livro: O Barco dos Sonhos, de Rogério Coelho ⁵

Cademartori (2010) comenta acerca de como tradicionalmente a literatura infantil apresentava um “discurso monológico”, a partir da utilização de um narrador que conduz a história sem permitir brechas. Analisando desta forma, podemos perceber que o livro de imagem conta com mais este ponto a seu favor, a partir do momento em que dá liberdade para a criança imaginar e criar sua história.

Segundo Coelho (1982) os estudos no campo da psicologia indicam que o conhecimento infantil se processa com base no contato da criança com o objeto, sendo importante a utilização de tais livros, pois a criança não tem conhecimentos para decodificar a linguagem escrita. Creio também que este

⁵ Disponível em <esconderijos.com.br/wp-content/uploads/2015/07/barcossonhosmeninorogerio.jpg> Acessado em fevereiro de 2017

tipo de leitura se torna pertinente a partir do momento em que a sociedade cada vez mais vem recebendo imagens em diversos momentos, e desta forma estará ocorrendo uma estimulação do olhar, da atenção visual e da percepção.

Em relação à produção destes livros, devemos nos atentar para o fato de que a arte da ilustração veio se desenvolvendo ao passar dos tempos, porém só a partir dos anos 70 e 80 do século XX, que ocorreu a profissionalização dos ilustradores, destinados apenas à ilustração de livros. Estes foram desenvolvendo diversas técnicas para que pudessem aprimorar o trabalho realizado. Ao término da década de 80, ocorreu outra mudança no processo de produção de imagens, com a captura e impressão por meio de processos digitais. Assim sendo “*a arte de ilustrar livros passou pela xilogravura, gravura em metal, litografia, cromolitografia, offset e atualmente impressão digital, portanto, várias etapas ligadas à tecnologia de época.*” (SERRA, 2013, p.25). De acordo com Serra (2013), o Brasil possui a 8ª indústria de livros no mundo, o que favorece ainda mais que se veja o trabalho com ilustrações como uma atividade adicional e ocasional.

Podemos compreender que, mais do que nunca, vem ocorrendo uma preocupação em relação ao preparo desse material que vem sendo lançado no mercado para as crianças. Mas, além disto, como os professores estão recebendo esse material? Para Corsino (2009), é necessária atenção especial à formação dos professores, pois estes são os responsáveis pelas propostas direcionadas às crianças e, desta forma, os que estarão à frente do processo educacional. Pensando por este aspecto, devemos nos alertar para como esses professores vem se utilizando do livro de imagem. E, além disto, de como é feita essa seleção de livros junto com a escola. Acredito que se deve ter a preocupação de não se pensar em trabalhar apenas com livros que pareçam esteticamente bonitos, mas sim que ampliem os conhecimentos e expandam as referências para a criança, possibilitando seu desenvolvimento.

Capítulo II - Características E Importância Da Imagem Hoje

A complexidade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam uma das outras. Não há qualquer necessidade de uma co-presença da imagem e do texto para que o fenômeno exista. As imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim. (JOLY, 1996, p.121)

Se pararmos para analisar a evolução humana, observaremos que as imagens estão presentes na humanidade há tempos, sejam nos desenhos nas cavernas, hieróglifos egípcios, pinturas da idade média ou em outros distintos lugares. Segundo Monteiro (2010) desde o *“surgimento da escrita ao do código digital, passando pelo audiovisual, nossa cultura tem privilegiado o signo visual como forma de expressão”*. Avaliando que a partir do século XIX ocorreu uma propagação desses elementos, nos inserindo numa sociedade imersa em imagens, onde a todo instante somos bombardeados por seus diferentes tipos, nos questionamos sobre o que devemos considerar como imagem.

Para Joly (1996) há uma dificuldade em se classificar o termo imagem, pois este é utilizado para tantas significações aparentemente distintas. Apesar disto, segundo a autora, impressiona o fato de que, embora exista essa diversidade, é possível compreendê-la como algo que depende da produção de um sujeito, sendo imaginária ou concreta. Essa mesma linha de pensamento nos é apresentada por Santaella (2001), onde a autora nos afirma, que *“não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não tenham imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais”* (SANTAELLA, 2001, p.15)

Desta maneira, Joly (1996) classifica o mundo das imagens em dois domínios, sendo um com representações visuais que seriam objetos materiais, como pinturas, fotografias, imagens televisivas, cinematográficas entre outras, e outro no domínio imaterial representado pelas imagens da nossa mente.

Sendo que ambos se encontram interligados, formando algo terceiro, que é o signo ou representação. (SANTAELLA, 2001).

As autoras Joly (1996) e Monteiro (2010), nos apresentam o signo em uma perspectiva peirceana, no qual, o signo é composto por uma tríade formada por: significante – ao que Peirce se refere, seria a imagem concreta; significado – ou interpretante, é o signo mediador do pensamento que permite relacionar o signo apresentado ao objeto que ele representa; e referente - é a imagem mental que você faz daquela imagem para externa-lá. Da união desses três fatores partindo dessa circularidade, e da compreensão que se faça da parte de alguém, temos o signo.

De modo que, Peirce considera que o signo é algo que, sob estabelecido aspecto, representa determinado significado para alguém, criando na mente do receptor um signo equivalente sendo um esquema contínuo de geração dos signos. *“Vê-se, portanto que tudo pode ser signo, a partir do momento em que dele deduzo um significado que depende de minha cultura, assim como do contexto de surgimento do signo.”* (JOLY, 1996, pág. 33)



Figura 6 – A tríade de Pierce

Compreendemos então que a ideia de imagem tomada próxima do sentido peirciano de signo é bem mais ampla do que poderíamos pensar uma primeira leitura. Em sua amplitude permite ampliar o conceito de literatura ao entender que as imagens também nos contam histórias, pois podem ser interpretadas. Deve-se entender que o ato de ler não se restringe a seguir letra a letra os símbolos do alfabeto, incluindo-se nesse grupo de possíveis leituras, os sinais

de trânsito, placas de orientação e de estabelecimentos comerciais, filmes, mapas, rotas, entre tantos outros. O "*leitor não é apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens*" (SANTAELLA, 2012, p.7)

Assim como já dizia Paulo Freire: "*A leitura do mundo precede a leitura da palavra*"⁶, podemos perceber este fenômeno também em relação às imagens, pois a criança aprende a ler antes mesmo de entrar na escola, em situações que vivencia em seu dia-a-dia. Um exemplo disto foi uma situação vivenciada em meu estágio de educação infantil enquanto brincava com as crianças, uma delas chegou até mim e comentou que determinado brinquedo era do McDonalds, quando eu a questionei sobre como ele sabia disso, ela me apontou para o símbolo gravado atrás do boneco e falou que aquilo queria dizer que era dessa empresa. O que concluímos com isso? Que esta criança já está fazendo uma leitura do mundo, antes que se faça uma leitura da palavra, se utilizando de imagens ou símbolos.

No livro *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*, Bruno (2013), nos apresenta pesquisas sobre uma nova geração denominada por alguns como "nativos digitais", como mencionado também por Sibília (2012). A autora discute como a sociedade vem sendo conduzida em direção a um novo mundo de compartilhamento de informações e divulgação pessoal nas mídias. Nesse contexto, nos deparamos com a questão de como o jovem se utiliza da imagem para expressar sua subjetividade.

Em seu capítulo II (Ver e ser visto: subjetividade, estética e atenção) a autora nos apresenta o conceito de subjetividade voltado para a exposição do eu nas tecnologias e redes de comunicação. Focando se em duas direções, a primeira relacionada à reconfiguração da subjetividade, onde a partir dessa constituição os jovens se utilizam de sua identidade de fora para dentro. E a segunda estando ligada à forma de olhar o outro, reconfigurando as fronteiras entre público e privado. Esta exposição da vida pessoal desperta, de imediato, questões relativas *aos limites entre o público e o privado, ao sentido de intimidade, às práticas de vigilância, entre outras.* (BRUNO, 2013, p. 66).

⁶ Freire, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

Segundo Monteiro (2010), os avanços tecnológicos nos proporcionaram um progresso na forma de ver o mundo e “*as tecnologias digitais disponibilizaram modalidades de experiências de tempo, comunicação e conhecimento diferentes daqueles engendrados e característicos da cultura clássico-moderna.*” (MONTEIRO, 2010, p.5). Desta maneira, necessitamos nos atentar em como essa subjetividade vem compondo o jovem nos dias hoje, não apenas na sala de aula, mas fora dela, para que tendo uma ideia ampla, saibamos como trabalhar essas questões no ambiente da escola e os prepará-los da melhor forma possível.

Na Internet, ampliaram-se ainda mais as tecnologias do ver e do ser visto, tornando os indivíduos ao mesmo tempo mais sujeitos à vigilância e relativamente mais autônomos na produção de sua própria visibilidade, dado que neste caso a exposição de si não está sujeita à autorização e à intervenção de terceiros. (BRUNO, p. 58, 2013)

Síbilía (2012) segue na mesma linha de pensamento de Bruno (2013), apresentando a ideia de que não nos encontramos mais no papel apenas do espectador, nos tornando parte da produção. *Alguém que, portanto, deve produzir de modo ativo as operações necessárias para fixar e dar sentido a esse fluído, apropriando-se dele para transformá-lo em experiência.* (SIBÍLIA, 2012, p. 87). Pensar desta forma nos faz restabelecer uma nova maneira de como isso afeta a forma de refletir e o desenvolvimento do aluno. Estando eles imersos nessa “cultura audiovisual”, de forma que lhes parece algo natural, e em contrapartida tendo que se submeter aos “rigores escolares”. (SIBÍLIA, 2012)

Assim entendemos que o mundo se encontra num ritmo acelerado, onde tudo deve ser registrado e compartilhado e como isso vem influenciando a fundo a vida dos jovens. Partindo desta premissa e pensando como educadores devemos realizar com os alunos, atividades que tragam esse diferencial com o trabalho de produção imagética para a sala de aula, onde haveria a possibilidade de serem utilizados elementos atualizados, mas sem deixar de lado as ideias escolares, como reflexão, criação intelectual, troca de informações, trabalho em equipe, atividades artísticas, entre tantas coisas.

Apesar de tudo, podemos observar que embora as imagens façam parte da nossa realidade, ela não é tão bem acolhida no âmbito educacional, onde o trabalho com a escrita ou até mesmo a exposição oral, ocupam uma posição privilegiada. Não estou querendo dizer que a escola não produza imagens ou que não as distribua, mas sim que ela não recebe uma atenção especial quando se trata de realizar um trabalho de análise da mesma. Segundo Joly (1996) as imagens são tão importantes quanto às palavras para o desenvolvimento humano, e não devem ser subestimadas na escola para o desenvolvimento dos alunos. Assim sendo, partimos para nosso próximo capítulo, em busca de uma elucidação acerca de como o livro de imagem tem sido acolhido nas escolas.

‘Capítulo III - Importância da Leitura de Imagens na Educação Infantil

Segundo Dondis (1997), o mundo ainda não atingiu um alto grau de alfabetismo verbal, e o mesmo problema vem ocorrendo com o alfabetismo visual. Contudo o autor traz juntamente com esta questão o fato de que há um paradoxo ao se pensar que parte do processo de se observar é realizado por pessoas dotadas de visão, então como estudar algo que nos parece tão natural? Para que haja um alfabetismo é preciso ir além das faculdades visuais inatas do organismo humano. Sendo que “*o alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível da universalidade*” (DONDIS, 1997, p.227). Partindo desse pressuposto, veremos neste capítulo como o livro de imagem pode ser trabalhado e quais os benefícios de se utilizar deste em sala de aula.

Em seu livro *Redes ou Paredes - A escola em tempos de dispersão*, Sibília (2012) vem nos apresentando idéias relacionadas à escola a necessidade de sua criação, além de como esta vem se tornando antiquada. A autora em determinado parte de texto cita o autor Seymour Papert e sua fala a respeito da “*evolução*” da educação.

"Imaginemos que, um século atrás, houvéssemos congelado um cirurgião e um professor, e agora os devolvêssemos de novo à vida; o cirurgião entraria na sala de operações e não reconheceria nem o lugar nem os objetos, e se sentiria totalmente impossibilitado de agir; em contrapartida, o professor reconheceria o espaço como uma sala de aula e ainda encontraria um pedaço de giz e um quadro negro com os quais poderia começar a lecionar." (SIBÍLIA, 2010, p.51)

Nesta fala percebemos como de certa forma o papel do professor não se alterou com o passar dos anos sendo que este conseguiria se localizar e ainda teria outros objetos que lhe dessem suporte, enquanto que o cirurgião não reconheceria nenhum dos objetos para seu trabalho. Pensando agora nas alterações que a escola vem sofrendo devido as grandes tecnologias, esse professor ainda conseguiria se localizar diante das novas classes? Que mudanças a escola vem sofrendo e como estas podem ser benéficas para a educação e o aprendizado? Devemos refletir se os professores que hoje se encontram inseridos nas salas de aula estão preparados para trabalhar com os

alunos e compreendem suas necessidades, ao invés de continuar propagando a ideia de que a escola deve adestrar os alunos, de maneira “a *acostumar as crianças a ficar sentadas em seus lugares durante períodos regulares e previamente estabelecidos, obedecendo às ordens dos superiores*”. (SIBÍLIA, 2010, p.28)

Como visto no capítulo anterior, ocorreu uma reconfiguração da subjetividade, levando a uma forma diferente de se receber as informações por parte dos alunos. A escola tendo esta ideia em vista, já tentou por diversas vezes fundir de alguma forma o universo escolar e midiático. “*No entanto, o grande problema surge quando esse efeito (...) do estilo de vida contemporâneo entra em colisão com as exigências do dispositivo escolar.*” (SIBÍLIA, 2012, p.89). Partimos assim para o que é esperado do ambiente escolar tomando como base os documentos oficiais.

Levando em conta os documentos oficiais, temos os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) que tem por objetivo estabelecer os padrões de referência orientadores para o sistema educacional voltados para a organização e funcionamento das instituições de Educação Infantil. Logo em seu início ele nos apresenta sua concepção de criança e de pedagogia da Educação Infantil, reinteirando que a criança é um ser que está integrado à sociedade e merece atenção e cuidados para que possa haver um bom desenvolvimento. Podemos ver que a escola propicia diversos saberes, sendo:

Lugar de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção sociocultural, de constituição de identidades e de subjetividades. Lugar onde partilham situações, experiências, culturas, rotinas, cerimônias institucionais, regras de convivência; onde estão sujeitas a tempos e espaços coletivos, bem como a graus diferentes de restrições e controle dos adultos. (CORSINO, 2009, p. 4)

A partir da linguagem as crianças têm a possibilidade de se comunicarem e manterem relações com o seu mundo, criando narrativas e escrevendo a sua própria história. Segundo Corsino (2009), as palavras se transformam de acordo com o contexto no qual aparecem, algumas vezes são os brinquedos, outras aparecem em forma de brincadeiras, nas cantigas de rodas ou como em imagens. Estas por sua vez servem para brincar, expressar

sentimentos, comunicar-se, a *“linguagem é um instrumento de ação no mundo”* (CORSINO, 2009, p.50). Assim sendo, a imagem é um tipo de linguagem, e sabendo ser utilizada na educação infantil trás a possibilidade de diversos trabalhos. Percebemos então o quanto a imagem esta intrinsecamente ligada às questões vistas e trabalhadas na educação infantil, complementando assim sua importância nesse espaço.

Retomando o que vimos no primeiro capítulo, Cademartori (2010) nos mostra que é na infância que se inicia uma noção de percepção e afeto, e com base nessas, a criança começa a conhecer o mundo. O livro de imagem possibilita ao aluno uma nova forma de ver o mundo, onde ele tem a possibilidade de “criar” a sua história de acordo com suas experiências e ideais. O trabalho com tal material pode ser uma experiência rica em descobertas e para o desenvolvimento, se considerarmos as múltiplas possibilidades inseridas neste processo.

(...) a linearidade é uma característica do texto verbal, mas nem sempre das imagens. Forçar as imagens para entrar no mesmo molde que as palavras parece potencialmente improdutivo, exceto em termos do estabelecimento de convenções, quando isso é evidente e por definição necessário. (HUNT, 2010, p.242)

Hunt (2010) acredita que não se deve limitar as crianças, mas para isso deve se ter uma avaliação sobre o que estamos permitindo. O autor usa uma citação do britânico John Rowe Townsend, onde este fala sobre como em muitos casos os livros-ilustrados são uma introdução à arte e à leitura para as crianças, e que por este fator deve-se ter o cuidado de utilizar livros adequados que as estimulem, pois *“mesmo que as crianças nem sempre apreciem o melhor quando o vêem, elas não terão nenhuma chance de apreciá-lo se não o virem”* (HUNT, 2010 apud TOWNSEND).

Levando em consideração os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, vemos que, *“antes mesmo de se expressarem por meio da linguagem verbal, bebês e crianças são capazes de interagir a partir de outras linguagens (corporal, gestual, musical, plástica, faz-de-conta, entre outras) desde que acompanhadas por parceiros mais experientes.”* (PCN, 1998, p16). É neste momento que o educador se insere, estando munido de

conhecimentos e saberes para que possa transmitir aos alunos. É preciso ter em mente a importância desse trabalho, e da variedade de saberes que ele alcança, para que possamos estar preparados uma vez que *“crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade. (PCN, 1998, p.15).*

E de que forma podemos estar preparados para acolher esses alunos? Com base na observação. *“A observação das crianças é uma ferramenta fundamental do professor para conhecer e compreender melhor as crianças nas suas formas de pensar, de comunicar-se, de interpretar e de agir sobre o mundo.” (BORBA, 2009, p.77)* Deste modo desenvolvemos a compreensão de quais suas necessidades e dando a possibilidade de saber o que lhes é pertinente e como apresentar isso para eles.

Capítulo IV – Sugestão de livros

Considerando tudo o que vimos até este momento, neste capítulo apresentarei duas obras literárias, que considere pertinentes em relação ao trabalho com o livro de imagem. Trata-se das obras "Outra Vez" e "Cena de Rua", ambas da autoria de Ângela Lago. A autora nasceu em Belo Horizonte no ano de 1945, e escreve e ilustra seus livros infantis, além de eventualmente ilustrar de terceiros. Já recebeu inúmeros prêmios nacionais, como o Jabuti e o Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além da participação em diversos prêmios internacionais.

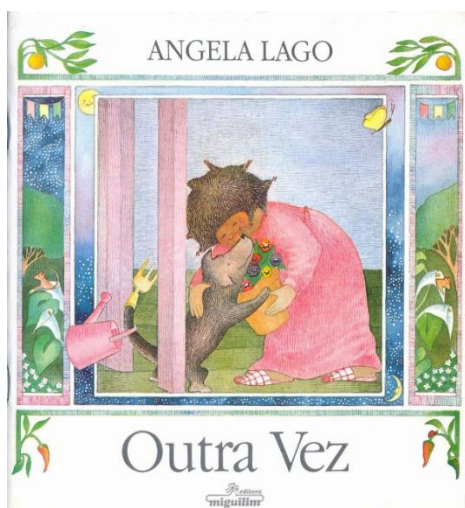


Figura 7 - "Outra Vez", de Ângela Lago ⁷ Figura 8 - "Cena De Rua", de Ângela Lago ⁸

Uma característica encontrada nos dois livros é a composição por página dupla, ou seja, a história se encontra por toda a extensão do livro. A *"abertura" de página dupla nos dá imagens simultâneas para as quais podemos olhar, escolhendo nosso próprio ritmo.* (HUNT, 2010, p. 246). Dessa forma temos a possibilidade de ampliar o olhar do aluno, ao lhe permitir uma ampla área, em que a partir do seu interesse ele possa a explorar. Outra familiaridade

⁷ Disponível em <http://www.angela-lago.net.br/administrador/components/com_catalogo/images/books/outra_vez.jpg> Acessado em fevereiro de 2017

⁸ Disponível em <http://www.angela-lago.net.br/administrador/components/com_catalogo/images/books/cena_de_rua.jpg> Acessado em fevereiro de 2017

entre ambos é o fato de que os cenários vão se alterando e não apenas os personagens com suas ações.

Falarei inicialmente do livro “Outra Vez”, ganhador do prêmio de Melhor Livro e de Melhor Livro de Imagem em 1984 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), além do prêmio de Ilustração Bienal do Livro 1986. O livro é composto por 28 páginas, com imagens na capa e contracapa, margens em todo o livro, sendo uma arte diferente em cada uma. Nele acompanhamos um vaso de amor-perfeito e o trajeto que faz passando de mão em mão e ao final retornando ao início. A história pode ser seguida na perspectiva de um cachorro que nos guia pelo percurso, além de outras histórias ao seu entorno.



Figura 9 – “Outra Vez”, Ângela Lago (páginas 14 e 15)

De acordo com Camargo (1995), o livro “Outra vez” se destaca não apenas pela qualidade estética, mas também pela a do enredo, que entrelaça vários eixos narrativos e pela riqueza semântica, que permite diversos níveis de leitura. Ao lermos o livro, percebemos o quanto esse pensamento é pertinente, de forma que nos é apresentado não apenas uma história central, mas outros personagens ao longo da história, como a formiguinha que em determinados momentos se encontra ajudando um caracol e até mesmo em certo ponto o carregando em um carrinho.



Figura 10 – “Outra Vez”, Ângela Lago (páginas 22 e 23)

O livro em questão está repleto de elementos que vimos no percurso deste trabalho, como a não linearidade apresentada por Hunt (2010). Temos a possibilidade de trabalhar o livro, permitindo que o aluno siga seu percurso *“Muito semelhante aos livros de escolha binária do tipo escolha sua própria aventura, essa obra demonstra as possibilidades narrativas e visuais do livro ilustrado.”* (HUNT, 2010, p.249)

O livro “Cena de Rua” por sua vez, é ganhador do prêmio Jabuti de Ilustração em 1995, além de diversos prêmios internacionais. Ele é composto por 24 páginas, sua capa é preta com o nome do livro, e sua contracapa e interiores igualmente negros. O livro tem margens em seu interior, porém não da forma do anterior, suas margens são desconexas e todas pretas. Sua ilustração apresenta cores fortes e com muitos movimentos e de diferentes ângulos.

No livro nos deparamos com uma criança vendendo algo no sinal de trânsito. Ela vai de carro em carro recebendo diversos olhares, um velho olha para ele com ar de desaprovação, cachorros dentro do carro se mostram agressivos, e uma senhora parece apreensiva (como podemos observar na próxima figura). Em um desses carros o menino vê uma mulher acolhendo um bebê, após isso ele se senta na calçada para comer sua mercadoria, quando um cachorro se aproxima e tira dele. Diante disso ele rouba um pacote de presente no banco traseiro de um carro, no quadro seguinte vemos os faróis

dos carros em cima dele e seus ocupantes apontando para o menino. Por fim ele abre o pacote encontrando o mesmo conteúdo que anteriormente estava a vender, e logo ele volta para a rua para continuar sua jornada. O livro então é finalizado com a mesma imagem apresentada primeira página, com o rapaz na rua vendendo suas coisas, e assim formando um ciclo.

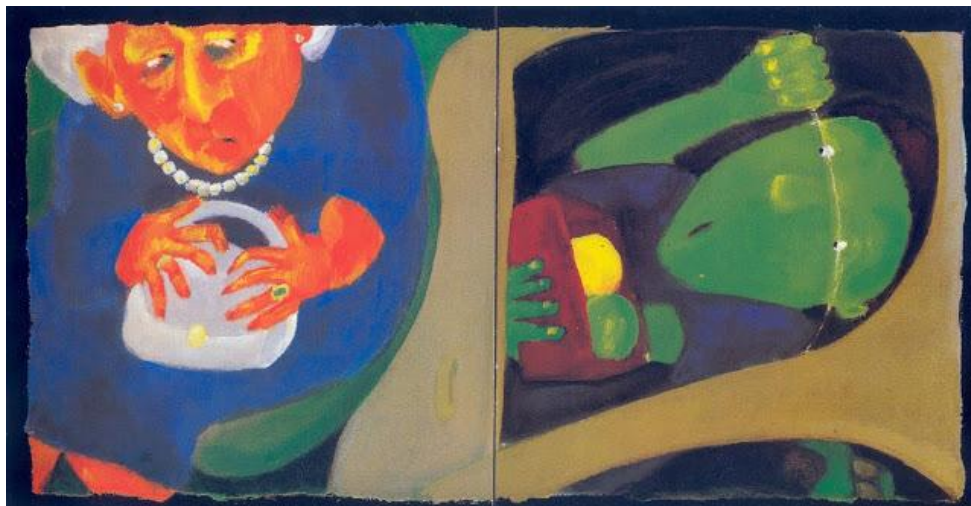


Figura 11 – “Cena de Rua”, Ângela Lago (páginas 10 e 11)

A partir do momento em que a escola colabora para o repertório de imagens fornecidas aos estudantes, e também trabalha com a realidade destes, o livro em questão nos traz uma rica possibilidade de trabalho. O menino representado é algo comum ao cotidiano em diversas cidades do Rio de Janeiro, seja por uma identificação com o próprio personagem ou com os passageiros que ali estão como observadores.

Retomando ao pensamento de Bruno (2013), onde o jovem se utiliza da imagem para expressar sua subjetividade, temos a oportunidade com esta história, de eles se expressarem e receberem a história a sua maneira, considerando os elementos de cada aluno e como eles os explorarão. Esse tipo de atividade suscitaria trabalhos partindo do olhar do aluno, como cada um se vê nesta situação, deste modo podendo trazer um trabalho de grupo com suas vivências.



Figura 12 – “Cena de Rua”, Ângela Lago (páginas 14 e 15)

O trabalho com a expressão facial é fortemente percebido nas ilustrações, sendo esta uma forma de demonstrar o que o personagem e as pessoas ao seu redor estão sentindo, de modo que quando *“a ilustração pode comunicar um sentimento, uma emoção. Estes podem ser expressos principalmente através de movimentos e expressões faciais de personagens, e pelos recursos gráficos que passam a transmitir certos sentimentos”* (CAMARGO, 1998, p. 36).

Hunt (2010) também ressalta o respeitável papel do ilustrador, considerando que toda ilustração é passível de interpretação. Nesse aspecto não podemos deixar de concordar que os livros selecionados são ricos em suas ilustrações, cada um a sua maneira. Um de forma mais colorida com muitos detalhes em seu cenário, permitindo uma gama de escolher em relação a como seguir o percurso, enquanto o outro livro se mostra de certa forma mais sombrio, com a cidade escura e cor principalmente nos personagens.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho buscou-se compreender que o livro de imagem pode ser um recurso importante para o trabalho em sala de aula. A monografia dividiu-se em quatro capítulos, no primeiro foi discutido o que é literatura em seu modo geral, e adentrando para a literatura infantil, além de tocar na questão do livro de imagem. No capítulo seguinte procurou-se entender o que é imagem e qual a importância desta na sociedade em que nos encontramos, a partir da leitura de autores como Santaella, Joly, Bruno e Monteiro.

Logo depois adentramos para a relação do livro de imagem na sala de aula, e os benefícios que este pode vir a projetar. Com base em diversos autores pudemos compreender como o modelo de escola veio sendo modificado, e a importância de desenvolver a comunicação, seja por meio de brincadeiras ou desenhos. Com Corsino (2009) vimos que a *“linguagem é um instrumento de ação no mundo”*, e considerando que a imagem é uma forma de linguagem, temos aqui um ponto importante que nos leva a acreditar no trabalho com livro de imagem em sala de aula. No quarto capítulo, foram apresentadas dois livros para se trabalhar em sala de aula, com base no que vimos ao decorrer deste escrito. E, por fim, finalizamos este ciclo, deixando em aberto pensamentos para futuros pesquisadores.

Percebi com a pesquisa realizada, que não se deve subestimar o trabalho com o livro de imagem em sala de aula, fazendo com que os educadores tenham em mente que este material não deve ser descartado ou deixado de lado pelo fato de não trabalhar a escrita, uma vez que este vai além dos padrões, trazendo novas possibilidades. *“Às vezes, a ausência de palavras pode fornecer um “hiato” que necessita da inteligência e da imaginação para ser preenchido.”* (HUNT, 2010, p. 247). Deste modo, é importante oferecer aos alunos dentro da sala de aula, histórias onde eles possam ter a possibilidade de criar seu percurso, lhe ajudando deste modo a desenvolver sua capacidade de escolhas.

No decorrer deste trabalho percebi que a pesquisa não é algo fácil, é necessário empenho para alcançar os resultados pois, apesar de tudo, é

essencial para o trabalho do educador a realização de tais atividades. Para que possamos estar sempre desenvolvendo um melhor trabalho com nossos alunos precisamos nos manter inteirados das mais diversas formas de educar para poder determinar qual e como a melhor forma de transmitir ao nosso alunado.

É importante ressaltar que não foi realizado um trabalho de campo, apenas a pesquisa bibliográfica. Por esta razão deixo como recomendações aos pesquisadores futuros, que elaborem uma pesquisa de campo para que os dados sejam os mais precisos possíveis e organizem atividades e exercícios para fazer uma observação e que desta forma possam ajudar não apenas aos alunos, e sim os professores de modo geral.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORBA, Angela. **A brincadeira como experiência de cultura**. IN: CORSINO Patrícia (org). Educação Infantil: cotidiano e políticas. São Paulo: Editores Associados, 2009

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995

CANDIDO, Antônio **O direito à literatura**.___ In: Vários escritos. 1995.

CECCANTINI, João Luís. Prefácio. IN: HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Editora Cosac Naify, 2014

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história - teoria - análise**. 2 ed. São Paulo: Quiron, 1982.

CORSINO, Patrícia (org.) **Educação infantil: cotidiano e políticas** / Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção educação contemporânea)

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

FERREIRA, Ana Angélica Carvalho. **Era uma vez: discutindo o uso metodológico da literatura infantil para trabalhar a diversidade étnica na escola** / Ana Angélica Carvalho Ferreira – Rio de Janeiro, 2014. 66f.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: CosacNaify, 2010.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (Coleção Ofício de Arte e Forma)

LAGO, Ângela Maria Cardoso. **Cena de Rua**. Belo Horizonte: RHJ, 1994

- LAGO, Ângela Maria Cardoso. **Outra Vez**. Belo Horizonte: RHJ, 2005
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 2009
- LINDEN, Sophie Van Der. **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: CosacNaify, 2011
- MONTEIRO, Aline Verissimo. **A valorização da aprendizagem e da imagem no contexto das redes digitais e seus impactos e possibilidades na educação e na produção das subjetividades na atualidade**. In: 3o Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010, Pernambuco. Anais Eletrônicos. Pernambuco: NEHTE/UFPE, 2010.
- PRZYBLYSKI, Jeannene M.. In: CHARNEY, L., SCHARTZ, V. (Orgs). **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. 2ª ed. São Paulo: Cosac&Naify, 2004
- SANTAELLA, Lúcia. **Como eu ensino - leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Contraponto Janeiro, 2012.
- SERRA, Elizabeth. **A Arte de Ilustrar Livros para Crianças e Jovens no Brasil**. The Art of Book Illustration for Children and Young People in Brazil. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Serra, Elizabeth. Org. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola** 11ed. São Paulo, 2003